



5

OSEIAS A MALAQUIAS

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse



5

OSEIAS A MALAQUIAS

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

1. [AMÓS](#)
2. [0 JULGAMENTO IMINENTE](#)
3. [SERMÕES SOBRE O FUTURO JULGAMENTO DE ISRAEL](#)
4. [VISÕES E EPÍLOGO](#)

Comentário Bíblico

EACON

Oséias a Malaquias

5



CB4D

0 Livro de

AMÓS

Oscar F. Reed

Introdução

Amos viveu e escreveu na primeira metade do século VIII a.C. durante o reinado de Jeroboão II, monarca do Reino do Norte. Talvez a data de 755 a.C. melhor se ajuste às condições apresentadas no livro. Seu ensino é de significação particular, porque inaugurou uma linha de ministérios proféticos que levou o povo de Israel a um entendimento mais profundo sobre o caráter de Jeová. Somente a

revelação de Deus em Jesus Cristo é maior que esta compreensão da natureza divina. Foi pelos ensinamentos de Amós e das pessoas depois dele que os israelitas conseguiram “sobreviver ao fim trágico de Israel como nação, e tornar-se o veículo da revelação distintiva de Deus para o mundo”.¹

A. O Autor e o Pano de Fundo Histórico

Há pouco mais de um século, pensava-se que Amós fosse apenas um dos profetas menores; hoje, em virtude dos estudos exegéticos e críticos, o livro recebe destacada posição na literatura bíblica. Considera-se sua linguagem um dos melhores exemplos do puro estilo hebraico.

Amós foi o primeiro dos profetas literários que se aplicou a eliminar os elementos pagãos que se insinuaram na vida religiosa e social de Israel. Ele, como os outros, teve de reavivar o ideal mosaico que advoga que Deus exige santidade de vida. Estes profetas “moralizaram” a religião e também a universalizaram. O Deus em cujo nome falavam, não era apenas o Senhor deles, mas o Deus do mundo inteiro.

Como no caso de Joel, muito pouco sabemos sobre a pessoa de Amós, exceto alguns indícios que podemos depreender das evidências internas do livro. Sabemos que viveu nos dias de Jeroboão II (782-753 a.C.). Ao levarmos em conta que um longo período de prosperidade precedeu os dias do profeta, deduzimos que seu ministério se deu na segunda metade do reinado de Jeroboão.

Amós morava em Judá, mas sua mensagem profética foi entregue em Israel e para essa nação. Este fato levanta uma pergunta interessante concernente à relação de sua mensagem para Judá. Amós pretendia excluir Judá da destruição pronunciada para Israel e os povos vizinhos? Ou pretendia incluir Judá? Este comentarista é inclinado a crer na última opção. Amós não cogitava poupar o Reino do Sul. Temos, então, de aceitar que pretendia incluir Judá na destruição comum que se abateria sobre Israel e as nações circunvizinhas. Por que escolheu Betei, e não Jerusalém, para o cenário do seu ministério?

A resposta provável é que considerava essencialmente um os dois ramos do povo israelita e que, dos dois, o Reino do Norte era o mais importante.

O centro da vida nacional estaria em Betei, o santuário do monarca do Reino do Norte. Era este o lugar estratégico para um profeta começar seu ministério. Ah, sua mensagem produziria o efeito mais imediato e forte.

Amós nega o título de *nabi* (profeta profissional). Com esta atitude, quer dizer que não pertencia à ordem profética e não tinha recebido o treinamento para isso. Designa-se cidadão de posição social humilde pertencente à classe mais pobre. Em vista deste fato, imaginamos como adquiriu o grau de cultura que manifestadamente possuía. Entre os hebreus, o conhecimento e a cultura não eram peculiares aos ricos e às classes de profissionais. Mesmo o treinamento inicial de todo israelita o equipava religiosa e culturalmente, a despeito de sua posição social.

Mesmo assim, Amós era homem simples, um boiadeiro e cultivador de sicômoros, a comida dos pobres. Seu pai não era profeta, nem possuía formação nobre como Isaías. Sua casa ficava em Tecoá, quase 20 quilômetros ao sul de Jerusalém (ver mapa 2), onde a vida espiritual genuína e a pura adoração a Deus sobreviviam no acidentado interior montanhoso.

O chamado era de Deus. O próprio Amós diz que Jeová o “tirou” do serviço referente ao rebanho. Este ato indica que um poder não dele mesmo o tomava de súbito. Esta também é a implicação de 3.8, onde o profeta diz: “Bramiu o leão, quem não temerá? Falou o Senhor JEová, quem não profetizará?” Havia um fogo ardente retido em seus ossos que o compelia a falar. Amós era um homem com uma mensagem de Jeová e tinha de livrar-se desse peso.

Ao considerar que o seu chamado era divino, Amós foi honesto, corajoso e dinâmico. Ressentia-se profundamente com os males sociais dos seus dias e ficava irritado com a injustiça e a desonestidade. Obteve um discernimento profundo sobre as questões peculiares de

Deus, bem como acerca das relações nacionais e internacionais. Sua língua era como um chicote para os opressores e mel para os oprimidos.

B. A Mensagem

As grandes concepções fundamentais que subjazem a mensagem de destruição proclamada por Amós toma-o uma figura importante na história da fé religiosa. Os israelitas de sua época sentiam-se certos do favor divino por duas razões: Primeira, não foram eles escolhidos por Deus? Segunda, eles zelavam minuciosamente de todos os detalhes da adoração. Para Amós, porém, estes dois pilares de confiança popular eram canas quebradas - sequer ofereciam a mais trivial base de garantia do favor divino.

Era verdade que Jeová escolhera Israel para ser o seu povo peculiar. Ele se colocou numa relação especialmente íntima com a nação. Mas este fato não significava, como supunham, que tinham o monopólio do favor divino ou que o cuidado protetor de Jeová se limitava a Israel. Seu favor era universal, procedente do Deus que não tolerava rivais.

A primazia que Israel possuía estava na revelação especial que Deus lhe dera sobre seu caráter e vontade. Mas os israelitas rejeitaram esta revelação. Israel, portanto, não tinha vantagem sobre as outras nações. Quando pecavam, não significavam a Jeová mais que os distantes e desprezados etíopes. Foi deste modo que Amós lidou com a pretensão nacional de seus dias.

Com a confiança popular em ritos e cerimônias, o profeta foi ainda mais severo, mas é erro supor que Amós queria condenar todos os ritos e cerimônias em si. Ele não era tão idealista quanto a estar cego ao fato de que a verdadeira devoção precisa de “dias e tempos” e formas externas para seu exercício. O que o profeta contestava era a substituição do espírito de devoção interno por estes ritos externos.

Contra a confiança popular nos sacrifícios, a eleição não qualificada de um povo escolhido e a providência especial de Deus pela nação, Amós estabeleceu o princípio de que a única esperança de Israel estava na

justiça. E sobre esta virtude, o profeta queria dizer o que era certo no sentido absoluto do termo, tanto objetiva quanto subjetivamente: respeito pela personalidade própria e pela dos outros.

Amós designou expressamente dois males: a opressão dos pobres pelos ricos e a corrupção do sistema judicial em Israel. Nestas mazelas, a vida humana era literalmente negociada pela troca. Na opinião do profeta, esta situação era o cúmulo da iniquidade e o extremo da insensatez. Por isso, exortou os homens: “Buscai o SENHOR e vivei”; e: “Buscai o bem e não o mal, para que vivais” (5.6,14). Desta forma, Amós identificou a religião com a lei moral. Buscar Jeová é procurar o bem. Não há outro meio de entrar em comunhão com Deus. A religião é a principal força preservadora na sociedade e estímulo poderosíssimo para o desenvolvimento das mais sublimes aptidões humanas.

Nosso estudo sobre os ensinamentos de Amós não estaria completo se omitíssemos as palavras de esperança registradas em 9.8-15. Claro que, apesar de todas as suas previsões sombrias, o profeta não havia perdido a esperança de Israel ser salvo, e certamente não lhe faltava a convicção de que pelo menos alguns “viveriam”. Amós era homem de paixão intensa que via propósito em tudo. O elemento ideológico permeia a totalidade de seu livro. É incrível que alguém como ele não tivesse atinado no que aconteceria depois da destruição de Israel.

Mesmo que Amós tivesse uma perspectiva esperançosa para o futuro, estava subordinado à tendência vigente de seu ensino. Sua tarefa primária era confirmar as reivindicações da lei moral em oposição ao formalismo material e a pretensão nacional de seus dias. Sua maior significação estava na eficácia com que moralizou a concepção de religião em sua exigência de justiça nacional e pessoal.

Esboço

I. O Julgamento Iminente, 1.1—2.16

A. Título e Tema, 1.1,2

B. Oráculos contra Nações Vizinhas, 1.3—2.3

C. Oráculo contra Judá, 2.4,5

D. Oráculos contra Israel, 2.6-16

II. Sermões sobre o Futuro Julgamento de Israel, 3.1—6.14

A. A Relação de Israel com Deus, 3.1-8

B. A Pecaminosidade de Samaria, 3.9—4.3

C. A Profundidade da Culpa de Israel, 4.4—5.3

D. Exortação e Condenação, 5.4-15

E. O Aparecimento de Jeová, 5.16-25

F. Invasão e Exílio, 5.26—6.14

III. Visões e Epílogo, 7.1—9.15

A. As Visões de Amós, 7.1—8.3

B. Pecado e Julgamento, 8.4-14

C. O Julgamento Inexorável, 9.1-7

D. Epílogo, 9.8-15

Seção I

- [0 JULGAMENTO IMINENTE](#)
- [SERMÕES SOBRE O FUTURO JULGAMENTO DE ISRAEL](#)
- [VISÕES E EPÍLOGO](#)

0 JULGAMENTO IMINENTE

Amós 1.1—2.16

A profecia de Amós divide-se em três partes com uma estabelecida unidade que não deixa dúvida sobre sua autoria e motivação. A predição de julgamento imediato está no âmago do ministério de Amós. Ele proclamou essa mensagem habilmente, ao começar com os gentios, exortar os judeus e terminar com Israel, o povo a quem ele pessoalmente se dirige. “O israelita ouviria com certa satisfação interior as faltas dos seus vizinhos e os julgamentos com que eles incorreriam”.¹ Mas, Israel seria medido exatamente pelo mesmo padrão aplicado aos outros povos e com um julgamento não menos severo.

A. Título e Tema, 1.1,2

O autor da profecia identifica-se como pastor¹ de **Tecoa** (1), que viveu nos reinados de **Uzias, rei de Judá**, e de **Jeroboão, rei de Israel**. A cidade de **Tecoa** situava-se ao sul de Judá (cf. 2 Cr 11.6; 20.20). Amós afirma que era apenas um pastor e “cultivador de sicômoros” (7.14). Vemos, então, que o profeta não era um próspero proprietário de ovelhas, mas um pastor modesto e um “podador de árvores” que estava determinado a não ser classificado como *nabi* (profeta profissional). Ele era o tipo de pessoa que Israel “insistia em silenciar” (cf. 2.11,12).²

Os estudantes do livro datariam a profecia com mais precisão se porventura conseguissem identificar o **terremoto** (cf. Zc 14.5) mencionado no versículo 1, o qual evidentemente era bem conhecido na época do ministério de Amós. Sabemos, porém, que este profeta estava em atividade durante o apogeu do próspero reinado de Jeroboão II, algum tempo antes da morte do rei em 753 a.C. (ver diagrama A).³

Amós inicia sua profecia com a confirmação de um tema declarado

primeiramente por Joel (J13.16): **O SENHOR bramará de Sião e de Jerusalém dará a sua voz** (2). Foi o próprio Deus que falou por meio de Amós. A figura foi dada para advertir os violadores do concerto que estavam tranquilos em sua prosperidade. Tinham de saber que o julgamento de Deus viria sobre Israel como também para o mundo pagão - até o **cume do Carmelo** se secaria.⁴

B. Oráculos contra Nações Vizinhas, 1.3—2.3

Esta subdivisão foi compilada com habilidade para apresentar o “peso” ou sentença contra as nações estrangeiras. Claro que só elogia os povos no intuito de prepará-los para o tremendo golpe que vem imediatamente a seguir.

1. *Damasco* (1.3-5)

O primeiro oráculo é contra **Damasco** (3; ver mapa 2), a capital do reino arameu (sírio), com o qual Israel estivera em guerra por grande parte do século VIII a.C. **Três**, o número perfeito, é seguido por **quatro**, que indica um número maior de crimes em sua pior forma. A medida da iniquidade estava cheia, além de toda proporção.

Gileade, a área mais exposta à invasão síria (ver mapa 2), foi sujeita a “rodas com pontas de ferro” (NTLH); “trilhos de ferro pontudos” (NVT). Estes **trilhos de ferro** eram grossos rolos com dentes entalhados, que tinham sido usados para destruir e mutilar a carne humana. É uma referência à destruição que Hazael ocasionou em Gileade, fato registrado em 2 Reis 10.32,33.

O versículo 4 identifica os líderes sírios que tinham pecado contra Gileade (a história é contada em 2 Rs 8-13). **Hazael** foi o fundador da dinastia que **Ben-Hadade** (Ben-Hadá II), seu filho, representou. A **casa de Hazael** representa a dinastia, e **Ben-Hadade**, o rei específico (cf. Is 17.1-3; Jr 49.23-27; Zc 9.1-4). A parte final do versículo 5 demonstra o poder de Jeová em seu julgamento. O profeta ouve o rompimento do **ferrolho de Damasco** (as fortificações da cidade) e vê o massacre dos habitantes de **Biqueate-Aven** (5). O restante da Síria será levado à distante e remota **Quir** - tudo isto

pela palavra do **SENHOR**.⁶ Esta profecia cumpriu-se quando Tiglate-Pileser, rei da Assíria (ver diagrama A), conquistou Damasco durante o reinado de Acaz, governante de Judá (2 Rs 16.9). A palavra final, **diz o SENHOR**, identifica a autoridade com que o oráculo é proclamado. [1](#) [2](#) [3](#) [5](#)

A ironia do julgamento de Deus é evidente. Os próprios edumeus, a quem os israelitas foram vendidos, serão aqueles que venderão os filisteus em escravidão. (Os edumeus tinham um porto no mar Vermelho e eram notórios traficantes de escravos.)

3. *Tiro* (1.9,10)

Os grandes pecados de Tiro são simbolizados novamente **por três transgressões... e por quatro** (9; cf. comentários no v. 3). A transgressão é maior, porque os habitantes de Tiro **não se lembraram da aliança dos irmãos**, ou seja, o antigo pacto entre Salomão e Hirão (1 Rs 5.1,12). Ainda que não se possam confirmar as ocasiões históricas, talvez a acusação indique que Tiro entregou os israelitas a Edom no tráfico de escravos. Não há registro de um rei de Israel ou de Judá ter guerreado contra a Fenícia (Tiro). Por causa de seu pecado, nem mesmo a magnífica cidade de Tiro escaparia do julgamento de Jeová (10), conforme declarou Amós (ver Ez 28 para inteirar-se de uma descrição de Tiro).

4. *Edom* (1.11,12)

Existia uma marcante hostilidade entre Israel e Edom, mesmo antes do exílio. Amós não condenou um pecado em particular, mas destacou o ódio implacável de Edom na perseguição de Israel **à espada** (11), a absoluta falta de **misericórdia** e o ininterrupto espírito de **ira** contra seu **irmão**.[4](#) [6](#)

Como nos oráculos anteriores, o julgamento seria por **fogo a Temã**, que **consumirá os palácios de Bozra (12)**, a capital de Edom, situada ao sul do mar Morto. **Temã** era provavelmente um distrito ao norte de **Bozra** (ver mapa 3). Ambos simbolizavam a totalidade de Edom.

5. *Amom* (1.13-15)

O território de Amom estendia-se ao longo do rio Jordão até ao leste de Gileade. A acusação específica: Eles **fenderam as grávidas de Gileade** (13); era só o clímax de uma sucessão de crueldades contra Israel. Mas os israelitas também poderiam ter sido acusados de ofensa semelhante (2 Rs 15.16).

Igual ao castigo de Edom, a importante cidade de **Rabá** (14, “a grande”) seria queimada **no dia da batalha**. Nessa ocasião, o invasor parecería uma **tempestade** que devasta tudo que há pela frente. A profecia se encerra com o oráculo de destruição contra o **rei e seus príncipes** (15), que irão **para o cativeiro**.

Na época em que Amós profetizou, a ameaça da Assíria (Tiglate-Pileser III, 745-727 a.C.) ainda era uma pequena nuvem no horizonte. Mas o profeta anuncia os julgamentos vindouros, não só por causa das ambições assírias, mas porque Jeová estava em ação na área política. Amós afirma que Jeová é soberano sobre todas as nações da terra. Os povos mencionados são mera indicação da extensão de sua soberania. Neste ponto, o profeta não afirmava que anunciava algo inteiramente novo, mas com certeza “falou com tonicidade inquietantemente nova”.⁹

C. Oráculo contra Judá, 2.4,5

Depois de haver dedicado a atenção às nações vizinhas, Amós trata do Reino do Sul, **Judá**. Este é o segundo passo em direção ao golpe final contra Israel.

No que se refere a Judá, Amós condena a rejeição da **lei do SENHOR** (4; Torá; esta “lei” era a soma total de todos os preceitos dados por Jeová como norma de vida). **Estatutos** (*chuqqim*) são os preceitos que não constam na Torá e abrangem, inclusive, as leis cerimoniais e morais.¹⁰ A palavra **mentiras** (4) deve ser traduzida por “ídolos” (“deuses falsos”, NTLH; NVI), ou “as vaidades que eles fizeram” (LXX)."

O castigo indicado no versículo 5 foi executado por Nabucodonosor, em 586 a.C., quando destruiu **Jerusalém** e levou a maior parte da população para a Babilônia (ver diagrama A).

D. Oráculos contra Israel, 2.6-16

Amós finalmente passa a tratar de Israel. Imaginamos o desapontamento das pessoas nas praças. Se porventura aplaudiram o profeta por suas mensagens contra os inimigos e murmuraram de suas profecias contra Judá, é fácil entendermos a hostilidade quando ele declarou a verdade sobre Israel. Precisamente com o mesmo linguajar que usara antes, Amós anunciou que o julgamento que Deus fará contra Israel era igualmente irrevogável.

1. A Rebelião de Israel (2.6-8)

Esta é a primeira acusação: **Vendem o justo por dinheiro e o necessitado por um par de sapatos** (6). Em geral, os intérpretes afirmam que esta frase alude ao costume de condenar os inocentes em troca de suborno e dar os pobres aos credores (por ninharia) para servirem de escravos. Faziam assim em virtude da lei escrita em Levítico 25.39 (cf. 2 Rs 4.1).¹² Desta forma, os ricos não mostravam a mínima consideração pelos justos (*tsaddiq*). Aqueles que suspiram **pelo pó da terra sobre a cabeça dos pobres** (7) são indivíduos que “pisam a cabeça dos pobres no pó da terra” (ECA; cf. BV). A atitude é fraseada em participios como se eles “arquejassem” na ânsia de humilhar os pobres. Além disso, **eles pervertem o caminho dos mansos**, ou seja, os afastam do trajeto natural da vida, para direcioná-los à destruição.

A terceira acusação era a profanação do santo nome do Senhor pela imoralidade repulsiva de **um homem e seu pai** terem relações sexuais com uma **moça**. “O significado é com uma mesma moça; mas a palavra hebraica *achath* [**mesma**] não ocorre no original, porque tem o propósito de obstar todo possível equívoco de que era permitido os dois irem a prostitutas diferentes. De acordo com a lei, este pecado era equivalente a incesto e tinha de ser punido com a morte”.¹³

A quarta acusação dizia respeito à **casa de seus deuses** (8). Eles bebiam vinho comprado com as quantias pagas pelos **multados**. As **roupas** sobre as quais dormiam ao lado de altares profanavam o nome santo de Jeová, visto que a vestimenta penhorada tinha de ser devolvida antes que a noite caísse (Ex 22.26).

2. *A Revelação de Deus* (2.9-12)

O privilégio ocasiona a correspondente responsabilidade. Amós não pôde deixar de realçar que, visto que Jeová favorecia Israel acima de todas as outras nações, o Senhor as considerava responsáveis por seus pecados.¹⁴ E esta revelação de Deus na história que provoca a recitação da destruição do **amorreu** (9, os antigos habitantes de Canaã) como preparação para a migração de Israel do Egito (10) **para que possuísteis a terra do amorreu** (cf. Js 3.10). A expressão: **destruí o seu fruto por cima e as suas raízes por baixo** (9) é figura para indicar a devastação total.

O cuidado de Jeová foi expresso por sua proteção na viagem do Egito para Canaã e pelo levantamento de **profetas** (11) e **nazireus** para revelar a vontade santa a Israel. Os nazireus eram homens com um chamado específico que buscavam privar-se de: 1) beber bebida forte, 2) comer carne e 3) cortar os cabelos. Sansão, Samuel e, provavelmente, João Batista eram nazireus. Em vista desta providência divina e contra a lei de Deus, os israelitas tentaram os nazireus com **vinho a beber** (12) e procuraram silenciar os profetas: **Não profetizeis**. A palavra do Senhor não lhes era agradável.

3. *O Esperado Julgamento* (2.13-16)

Por causa das graves transgressões, o Senhor anuncia um julgamento do qual ninguém escapará. Será uma opressão na qual os mais fortes padecerão. “Eis que eu vos apertarei no vosso lugar como [...] aperta um carro cheio de feixes” (13, ECA; cf. NVI). Israel tem de sentir a pressão moedora do carro totalmente carregado. Outros expositores, com leve mudança no verbo hebraico traduzido por “apertar” (mudança apoiada pela LXX), obtêm o significado “oscilar”: “Eis que farei oscilar a terra debaixo de vós, como oscila um carro carregado de

feixes” (ARA).¹⁵

Os versículos **14** a **16** descrevem a incapacidade de Israel fugir do Senhor. O **ágil (14)** não conseguirá escapar. O **forte** “não reterá suas forças e o guerreiro não salvará a sua vida” (RSV; cf. NVI). Nem o arqueiro, o soldado de infantaria e o cavaleiro poderão opor-se ao julgamento do Senhor (**15**). **Nu (16)** sugere a absoluta impotência do homem “despojado de todos os recursos com os quais conta para se manter quando enfrentar a catástrofe final”.¹⁶

Amós choca seus ouvintes ao anunciar os julgamentos sobre Israel depois do monólogo contra as nações vizinhas. Estas são as razões para “os julgamentos de Deus contra o seu povo”: 1) Desprezaram a lei do Senhor, 4b; 2) Tentaram enganar seu Criador, 4c; 3) Sacrificaram a integridade que Deus lhes dera, 6; 4) Oprimiram os pobres, 7a; 5) Caíram na imoralidade, 7c; 6) Profanaram aquilo que era sagrado, 8,12. Portanto, Deus destruirá todos os que quebraram o concerto com o Senhor, 14-16.

Seção II

1

Filístia (1.6-8)

2

Destruição semelhante deve acontecer com os filisteus (ver comentários no v. 3).

3

Gaza (6), a principal cidade da Filístia, é usada como símbolo da nação. Era importante centro de caravanas que transitavam pela estrada entre o Egito e a Síria. Situava-se ao

4

Moabe (2.1-3)

A profecia final contra os vizinhos de Israel é dirigida a **Moabe**, situado entre Edom e Amom (ver mapa 2). O delito específico era contra o **rei de Edom** (1), cujos ossos foram queimados até virar **cal**.

5

sul de Judá, perto do mar Mediterrâneo (ver mapa 2). A acusação específica contra os filisteus é que eles **levaram em cativeiro todos os cativos**; ou seja, tomaram cativo um povo inteiro e o entregaram a Edom, inimigo mortal de Israel. E uma referência à invasão dos filisteus nos dias de Jeorão (2 Cr 21.16; cf. J13.4). Os versículos 7 e 8 autenticam o fato de que toda a Filístia está inclusa na destruição futura. Julgamento semelhante virá sobre todas as suas cidades importantes: **Gaza** (7), **Asdode** (8), **Asquelom** e **Ecrom**. Todas estão inclusas para serem exterminadas pela **mão do Senhor JEOVÁ**.

6

Embora não haja referência histórica ao incidente, talvez se refira à guerra que Jorão, governante de Israel, e Josafá, monarca de Judá, empreenderam contra os moabitas, na qual o rei de Edom era aliado de Israel (2 Rs 3).⁷ Jerônimo menciona uma tradição judaica, a qual registra que os moabitas desenterraram os ossos do rei de Edom, lançaram sobre eles muitos insultos e os queimaram até virar pó.

7

Como castigo, o Senhor queimaria a principal cidade de Moabe, **Queriot** (2), e acabaria com a nação. Todas as profecias de 1.6 em diante cumpriram-se com as invasões dos caldeus que levaram os habitantes em cativeiro (Ez 25).

SERMÕES SOBRE O FUTURO JULGAMENTO DE ISRAEL

Amós 3.1—6.14

Na segunda seção da profecia, Amós particulariza as acusações apresentadas nos primeiros dois capítulos e enfatiza a finalidade com que fala sobre o julgamento vindouro. Os sermões começam com esta expressão: **Ouvi esta palavra (3.1; cf. 4.1; 5.1)**, o que identifica a autoridade do profeta e a fonte de suas declarações.

A. A Relação de Israel com Deus, 3.1-8

Amós lembra a ocasião em que Deus libertou Israel da **terra do Egito** (1). A figura da noiva não é usada aqui da maneira como é empregada em Oséias. Contudo, é possível que o profeta tivesse em mente a mesma comparação quando usou a expressão: **De todas as famílias da terra a vós somente conheci**¹ (2). A razão para a escolha de Deus em estabelecer sua peculiar relação com Israel por “amor-eleição” (ver Introdução de O Livro de Oséias) é tão inescrutável quanto a escolha de uma noiva.²

2. A Autoridade do Profeta (3.3-8)

Apesar da eleição dos israelitas, eles são rebeldes e arrogantes. A nação não ouvirá o profeta (cf. 2.4; 7.10-13). Amós estabeleceu seu direito e dever de profetizar mediante uma série de símiles retirados da própria vida.^{2 3}

Os versículos 3 a 6 ilustram a relação causai entre as declarações do profeta e sua fonte em Deus. **Andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?** (3) não sugere a relação entre Jeová e seu povo, mas entre Deus e seu profeta, que foi enviado a Samaria e Betei para declarar o julgamento contra a nação escolhida.

O **leão** (4) é Jeová (cf. 1.2; Joel 3.16), que não ruge sem causa.⁴

Cairá a ave no laço em terra, se não houver laço para ela? (5).

O **laço** (*moquesh*) é uma rede com uma vara para lançamento que só é acionada quando a caça se coloca no lugar pretendido.⁵ O castigo é tão merecido quanto certo. Como em Joel, o pecador armou a própria armadilha.

Amós continua no versículo **6** com o mesmo argumento causai. **Tocar-se-á a buzina na cidade, e o povo não estremecerá? (6)**. No seu clímax, o profeta compara o iminente julgamento de Deus com o toque da buzina (ou “trombeta”, ARA). É um aviso sobre o inimigo que se aproxima e resulta em ansiedade e medo para o povo. O julgamento é de Jeová que usa o inimigo como instrumento de destruição. Assim, **o SENHOR... o terá feito**. Os símiles nos versículos **1 a 6** são nitidamente elucidados nos versículos 7 e 8, onde o pensamento é explicado. Jeová executa seus propósitos de julgamento somente depois de avisar seu povo por meio de seus profetas. “Certamente, o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas” (7, ARA).

Amós defende sua chamada. Ele tem o direito de representar Deus nos julgamentos divinos. **Bramiu o leão... falou o Senhor JEOVÁ** (8). Amós nada pode fazer, exceto profetizar.

B. A Pecaminosidade de Samaria, 3.9—4.3

Agora que foram assentadas as fundações para as declarações autorizadas, Amós passa a revelar o que o Senhor determinou fazer com a nação pecadora.

1. O Pecado da Opressão (3.9,10)

Os versículos 9 e 10 são uma convocação a **Asdode** (9; a LXX diz Assíria) e ao **Egito** para que se reúnam e vejam os opressores em **Samaria** a fim de que, assim, testemunhem contra o povo de Deus. Mais uma vez Jeová usa nações estrangeiras como instrumento de julgamento. São os habitantes do palácio que julgariam com justiça os pecados dentro dos **palácios** (10) de Samaria. O versículo 10 transmite compaixão e condenação: Eles **não sabem fazer o que é reto**. O povo de Israel perdeu todo senso de realidade moral,

honestidade e integridade.

ARA; BV; ECA) e derrubará (lançará abaixo) o esplendor de Samaria. Assim, os inimigos, ao atacarem os morros que circundam a cidade, destruirão suas fortificações e seus belos edifícios.

O profeta conclui com um símile em resposta a uma pergunta presumida: A destruição será total? Ninguém escapará? Amós responde com ironia: “Sim, poucos escaparão!” Será como o **pastor (12)** que recupera **duas pernas ou um pedacinho da orelha** (tíbia e o lóbulo da orelha). A última metade do versículo **12** é outra ilustração da mesma verdade. Quando os **filhos de Israel** forem levados em cativeiro eles terão deixado apenas o **canto da liteira. O** marfim e o tecido fino vinham de **Damasco**. Veja como Smith-Goodspeed traduz a figura: “Um canto do leito e uma perna da cama” (cf. ARA). Samaria será totalmente destruída!

3. O Destino de Betei (3.13-15)

A palavra: **ouvi** (13), coerente com o versículo 9, é dirigida aos pagãos que protestarão **contra a casa de Jacó** (a totalidade de Israel) e aprenderão a lição com a destruição de Samaria. O nome o **Senhor JEOVÁ, o Deus dos Exércitos**, é para fortalecer a declaração de que Jeová é o Deus de todos os povos e tem os recursos suficientes e adequados para executar suas ameaças.

O castigo é estendido aos **altares de Betei** (14), o lugar da idolatria. A destruição incluirá os **chifres do altar**, ou seja, o lugar de refúgio, além das **casas** (15) luxuosas do rei e da nobreza. Os **chifres do altar** eram projeções dos cantos do altar, algo semelhante aos chifres do boi. Possuíam santidade especial como lugar de refúgio (1 Rs 2.28). O cumprimento da profecia ocorreu quando Salmaneser tomou Samaria (2 Rs 17.5,6).

O capítulo 3 oferece pelo menos “três grandes entendimentos espirituais”: 1) Privilégio pessoal significa maior responsabilidade, 1,2; 2) Deus não reprová ou convence os homens sem causa, 3-8; 3) Infidelidade a Deus ocasiona julgamento divino, 13-15.

rá os cadáveres para a pilha de refugio fora da cidade, utilizando-se dos ganchos usados para jogar fora carcaças de animais mortos (costume oriental ainda em vigor).

A Versão Bíblica de Berkeley traduz o versículo 3 assim: “Saireis pelas brechas, cada um de vós indo avante; e sereis dirigidos para a fortaleza [*harmon*]”■

C. A Profundidade da Culpa de Israel, 4.4—5.3

A profecia volta a tratar a nação como um todo. A ironia do profeta é manifesta. “Continuai praticando vossas ações, sabendo muito bem o que vós estais fazendo e o que inevitavelmente significa!”.

1. *O Pecado no Santuário (4.4,5)*

Amós satiriza: **Vinde a Betei e transgredí; a Gilgal, e multiplicai as transgressões (4).** Betei era uma cidade instituída de adoração (ver mapa 2). Gilgal quer dizer “o círculo”. Este determinado local de adoração não era a cidade que ficava perto de Jerico (Js 4.19,20), nem o lugar associado a Eliseu (2 Rs 2.1; 4.38) poucos quilômetros ao norte de Betei. Pode ter havido muitos locais chamado Gilgal que eram lugares de adoração.⁸ Poderíamos imaginar que os sacrifícios eram feitos para reconciliação, mas foram usados na adoração de ídolos, atos que ampliavam a separação entre Jeová e seu povo.

O quadro é de grande zelo, com **sacrifícios a cada manhã e dízimos a cada três dias**. “Todas as manhãs ofereçam sacrifícios e de três em três dias dêem os seus dízimos” (NTLH). A ironia estava no fato de que, com este zelo exagerado, transformaram as tradições sagradas em adoração idólatra. **Sacrifício de louvores do que é levedado (5)** refere-se aos pães fermentados oferecidos com as ofertas de louvores (Lv 7.11ss). Estes eram usados quando se traziam os pães asmos da oferta pelo pecado.

Porque disso gostais, ó filhos de Israel, pode ser traduzido por: “Pois amais fazer isso, ó povo de Israel” (RSV). O ato de adoração se centralizava neles. Evidenciava ganância, injustiça e opressão,

características que Amós denunciou com fervor. O profeta sabia que Deus se preocupava mais com o espírito dos adoradores do que com a mecânica da adoração.

2. *Indiferença ao Castigo (4.6-12)*

Cinco vezes nos versículos 6 a 11 Amós apresenta o Senhor a dizer: **Contudo, não vos convertestes a mim** (6). A frase descreve o amor contínuo de Deus diante da indiferença. O profeta detalhou os castigos do passado pelos quais o Senhor tentara restaurar seu povo ao concerto. A **falta de pão** explica a **limpeza de dentes** (6). O pensamento é repetido quando Jeová reteve a chuva **três meses** (7) antes da colheita, para permitir que chovesse seletivamente nas cidades e nos campos. As chuvas fortes cessavam habitualmente em fevereiro. Amós interpreta que o caráter caprichoso da estação é obra de Deus que impõe a procura de água como em períodos de seca.

Em seguida, o profeta se volta para as **hortas (9)** e as **vinhas. O** Senhor feriu o trigo com ferrugem; as **figueiras** e as **oliveiras** foram devoradas pelos gafanhotos. Em todas estas situações, Amós enumera uma série de julgamentos que eram esforços do Senhor em despertar as pessoas do engano do pecado. Mas só temos o refrão repetido: **Contudo, não vos convertestes a mim.** O julgamento está carregado de ternura.

Amós repete a mesma verdade no quarto castigo: **Enviei a peste contra vós, à maneira do Egito** (10). A combinação de peste e espada (cf. Lv 26.25; Is 10.24,26) é típica de situação de guerra. A matança de **jovens** na guerra à **espada** traria recordações dolorosas aos israelitas (cf. 2 Rs 8.12; 13.3,7). Dos homens e seus cavalos mortos provinham o **fedor** no acampamento. O próprio mal-cheiro era uma recompensa por seus pecados. Mesmo em face da morte, **não vos convertestes a mim, disse o SENHOR.**

Ao conduzi-los progressivamente a castigos maiores, agora o Senhor se refere à ruína de Israel como ocorreu com **Sodoma** (11) e **Gomorra**, as quais Deus destruiu por fogo nos dias de Ló (Gn 19). Repare nesta tradução da primeira parte do versículo 11: "Destruí

algumas de suas cidades como fez com Sodoma e Gomorra” (BV). “O verbo hebraico *haphakh*, ‘subverter’, também é usado para descrever a destruição ocasionada por um invasor (cf. 2 Sm 10.13), e Marti [...] pode ter razão ao argumentar que o texto diz respeito à situação crítica [...] vigente no tempo do rei Jeoacaz (2 Rs 13.7)”,⁹ quando Israel realmente era **como um tição arrebatado do incêndio**.

Depois de narrar todo o castigo que Israel sofrerá por causa de suas transgressões, o Senhor repete sua determinação de castigar a nação com julgamento, já que não há arrependimento nacional e pessoal. **Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus (12).**

3. *Doxologia* (4.13)

Esta doxologia tem forma diferente dos oráculos que a precedem. A descrição contrasta Deus, na glória de sua majestade, com o que foi criado. E o **Deus dos Exércitos** (13) que formou os **montes** e criou o **vento**. O verbo hebraico *bara* (**cria**) indica o poder soberano do Senhor que está totalmente fora do poder criativo humano. Deus **declara ao homem qual é o seu pensamento, o que faz da manhã trevas e pisa os altos da terra**. Tudo isto é uma exposição da soberania divina, uma revelação do Senhor dos exércitos.

Amós, no capítulo 4, relata a integridade de Deus de maneira esplêndida: 1) Ele jura por sua santidade, 2; 2) Ele avisa seu povo, 12; 3) Ele identifica seu nome, 13.

4. *O Fim de uma Nação* (5.1-3)

Os versículos 1 a 3 são uma elegia sobre a queda de Israel. A **lamentação** mencionada no versículo 1 é detalhada no 2. E como se Israel fosse uma **virgem** (2) que **caiu**. A expressão **nunca mais tornará a levantar-se** indica morte da qual não há redenção. Há uma finalidade inexorável nas palavras do profeta. Para Amós, isto não era uma dramatização. Seu coração se partiu ao ver, diante de si, a nação prostrada como na morte. O pronunciamento é mais real quando lembramos que Amós profetizou na plenitude da prosperidade de Israel. Não admira que ele e suas palavras tivessem sido rejeitados

como tolice. O versículo 3 interpreta e enfatiza o 2. Israel perecerá na guerra. “Pois o Senhor Deus diz: ‘Se uma cidade mandar mil soldados para a guerra, apenas cem voltarão. Se outra cidade mandar cem, voltarão apenas dez com vida’” (BV).

D. Exortação e Condenação, 5.4-15

1. *A Verdadeira Religião* (5.4-6)

Porque assim diz o SENHOR à casa de Israel: Buscai-me e vivei (4). A exortação expressa claramente o elemento central do ensino de Amós. Ele identifica a verdadeira religião com a justiça (que guarda a lei moral). Quando o povo busca Jeová procura o bem. “A religião que se atarefa com ritos e cerimônias, com sinais e presságios, tem pouco valor para o mundo. Age como uma barreira ao progresso. Não é guiada por princípio racional e, por isso, tende a santificar os costumes e crenças do passado, os quais são incoerentes, absurdos e, na maioria das vezes, prejudiciais. Mas quando a religião se identifica com a natureza moral, tudo isso muda”.¹⁰

Era absolutamente necessário que Amós estabelecesse a máxima moral que o único modo de buscar Jeová era procurar o bem, e não o mal representado pelos santuários em **Gilgal**, **Betei** e **Berseba** (5).

Fosbroke realça que nos versículos 4 e 5 há um desenvolvimento eficaz em dois significados distintos do verbo hebraico *darash* (“buscar”). Em tempos primordiais, era usado com relação a buscar a vontade de um deus por meio de um vidente ou profeta. Mais tarde, veio a ser usado no sentido de voltar para o Senhor e de “ansiar pelo próprio Deus e não por algo que Ele possa dar (Dt 4.29)”.¹¹

A palavra: **vivei** (6) também significa mais que a prolongação da existência. “Fala da vida com abundância na relação certa com Deus, como na conhecida passagem: ‘O homem não viverá só de pão’ (Dt 8.3)”.¹²

Em certa medida, o conceito de responsabilidade pessoal fora compreendido séculos antes. Mas parece que Amós foi “o primeiro a

diferenciá-la da religião popular, e torná-la um princípio fundamental da verdadeira religião. Assim, ele se destaca na história como o grande profeta da lei moral”.¹³

As traduções dos versículos 5 e 6 quase não mostram a força rude do texto hebraico. **Mas não busqueis a Betei** (5) é, no original: “E Betei se torna *Bete-Aven*”. A palavra hebraica *aven* (idolatria) também significa “maldade”. George Adam Smith fala “que não exageraríamos a antítese se empregássemos uma frase que antigamente não era vulgar: E Betei, a casa de Deus, irá para o diabo”.¹⁴

No versículo 6, uma vez mais Jeová identifica seu poder **como um fogo** que consumirá a **casa de José** e purgará a terra da injustiça de **Betei** (Bete-Aven, casa da idolatria).

2. *Os Pecados dos Ricos e uma Segunda Doxologia* (5.7-13)

Amós gosta muito de construções participiais (cf. 2.7; 4.13). Ele apresenta os pensamentos dos versículos 7 e 8 sem estreita conexão lógica entre si. **Alosna** (7, *haanah*), planta amarga, é termo simbólico que sugere “injustiça amarga” (cf. 6.12). **Deitais por terra a justiça** dá a entender o barulho dos pés ao pisar a bondade que Jeová exige. O versículo 7 deve ser ligado aos 10 a 13. A doxologia dos versículos 8 e 9 é uma interpolação que reconhece que o **SENHOR** pode aniquilar aqueles que deitam **por terra a justiça** (7).

A doxologia identifica o nome daquele que é responsável pelo mistério da Natureza criada. “[Deus] fez as estrelas” (Gn 1.16) era fato conhecido por Amós. É provável que a declaração de que o Senhor criou os astros fosse reação à adoração assíria das estrelas. O versículo mostra o governo de Jeová na terra. A alusão ao dilúvio - **o que chama as águas** (8) - indica o grandioso poder do julgamento que nenhum homem pode desafiar. O **SENHOR é o seu nome** é outro chamamento para reconhecer Deus como Senhor, e voltar-se a Jeová, o Senhor de todos os povos. O versículo 9 fica mais inteligível com a versão de Smith-Goodspeed: “O Senhor é o seu nome; é ele que faz vir súbita ruína sobre o forte e destruição sobre a fortaleza” (cf. ARA; ECA).

Nos versículos 10 a 13, o profeta condena detalhadamente a injustiça social praticada pelos ricos. Começa com uma declaração introdutória sobre a atitude das pessoas para com todo aquele que erguia a voz em protesto **na porta** (10; o tribunal de justiça da cidade). **Ao que os repreende** não deve limitar-se ao profeta, mas inclui toda voz erguida contra o mal.

Os versículos **11 a 13** destacam o castigo pela opressão injusta. As próprias posses angariadas em resultado da opressão serão inúteis. Os opressores não habitarão nas **casas (11)** construídas com **pedras lavradas** (o que fazia tremendo contraste com as casas dos pobres, construídas com madeira e restolho). Eles não beberão o **vinho** das **vinhas desejáveis**. Deus sabe quem aflige o **justo (12)**, aceita **resgate** (“suborno”, **ARA**) e ignora os **necessitados** em seu direito de justiça nos tribunais.

O tom do versículo 13 é de resignação. **Portanto, o que for prudente guardará silêncio naquele tempo, porque o tempo será mau.** O **prudente** (*hammaskil*) é quem se mantém em silêncio, não porque não deva falar, mas porque os avisos para nada servem. Os julgamentos de Deus vinham sobre um povo que parecia indolente a conselhos.

3. *O Espírito Penitente* (5.14,15)

Israel se mostrava incorrigível, e o pronto julgamento estava prestes a lhe sobrevir. Não obstante, o **resto de José (15)** se arrependerá de todo o coração. A profecia da destruição prossegue nos versículos 16 e 17, e mostra que Amós pensava que o apelo era em vão. Mas a integridade do Senhor não o permite passar para a fase de julgamento e destruição sem um apelo recorrente. Por isso, o profeta roga: **Buscai o bem e não o mal, para que vivaís** (ver comentários nos w. 4-6); e **assim o SENHOR, o Deus dos Exércitos, estará convosco, como dizeis (14).**

Amós se dirige ao **resto (15)**, o fragmento que sobrou de uma nação após uma catástrofe devastadora. Ele ressalta uma vez mais a única maneira possível na qual os israelitas podem escapar do julgamento:

Aborrecei o mal, e amai o bem, e estabelecei o juízo na porta.

O profeta não designa uma promessa, mas uma possibilidade: **talvez**. Em 734-731 a.C., o Israel do Norte foi reduzido a um **resto**. Tiglate-Pileser (ver diagrama A) deixou apenas Efraim depois de obter vitória arrasadora sobre Gileade e a Galiléia e levá-los ao exílio. Smith observa que não é prudente negar a Amós “a mitigação tão natural da destruição que ele fora forçado a passar a um povo que tinha tantos elementos bons que, em pouco tempo, gerou um profeta como Oséias”.¹⁵

O capítulo 5 sugere “os segredos da vida espiritual”: 1) Descubra o bem, 14b; 2) Odeie o mal, 15a; 3) Seja constantemente honesto, 15c; 4) Confie no Senhor, 15d.

E. O Apakecimento de Jeová, 5.16-25

1. *Pranto* (5.16,17)

Estes dois versículos narram o **pranto** (16; “choro”, BV; “lamentação”, NVI) do povo por causa dos mortos durante o período de julgamento. **Ai! Ai!** indica a lamúria de morte (cf. Jr 22.18). Visto que o luto acontecerá nas cidades, o **lavrador** será chamado às metrópoles para lamentar pelos mortos de sua própria casa. **Os que souberem prantear** (os pranteadores profissionais) também serão contratados para chorar pelos mortos (cf. Jr 9.17,18; Mt 9.23). Até as **vinhas** (17), normalmente cenários de alegria, serão lugares de **pranto**. Amós se baseou em Êxodo 12.12, quando citou: **Passarei pelo meio de ti**. Como o Senhor passou pelo Egito para matar os primogênitos, agora passará por Israel e destruirá os infiéis. A nação do concerto, tornou-se Egito, a nação pagã.

2. *Trevas* (5.18-20)

A ameaça começa com **ai** (*hoi*) daqueles que apresentam sua “eleição” como livramento certo, apesar de seus pecados. Amós compartilhou a expectativa do **dia do SENHOR! (18)**. Porém, sabia que não era um dia de privilégio para Israel. Só podia ser um **dia de trevas** (julgamento) para um povo que quebrara o concerto com Jeová. A

verdade é reforçada pela descrição pitoresca de um homem que foge de um **leão (19)** e encontra um **urso**; ou a pessoa se apóia na **parede** sem reboco e é mordida por uma **cobra** venenosa. Quem conseguisse escapar de um perigo cairia em outro. No **dia do SENHOR (18)**, há perigos em todos os lugares para quem não conhece Deus.

Amós reforça o julgamento no versículo 20. **Será** (*nonne*) é igual a “com certeza”: “Sim, aquele dia será de escuridão e desespero para todos vocês” (BV).

3. *Repúdio das Festas e Cerimônias (5.21-25)*

Em vez de falar sobre o Senhor, Amós apresenta Deus declarando: **Aborreço, desprezo as vossas festas, e as vossas assembléias solenes** (cerimoniais) **não me dão nenhum prazer (21)**. Visto que o concerto está quebrado, o Senhor não tem prazer nas cerimônias religiosas. “A adoração externa e insensível não os torna povo de Deus, o qual pode fiar-se na graça divina”.¹⁶

Os versículos 22 a 24 reiteram em estilo hebraico o pensamento do 21. Por não haver virtude nas festas e sacrifícios,¹⁷ eliminou-se o fundamento da “falsa confiança”. **Não ouvirei (23)** leva à determinação de rejeitar o culto.¹⁸

“Em vez disso, corra a retidão como um rio, a justiça como um ribeiro perene!” (24, NVI; cf. BV). Pelo fato de Deus não aceitar adoração hipócrita, o juízo correrá como grande inundação sobre a terra (cf. Is 28.2). Como Keil observa, *mishpat* não é o julgamento praticado pelos homens, mas por Deus.¹⁹

Ofereceste-me vós sacrifícios e oblações no deserto por (estes) quarenta anos, ó casa de Israel? (25) é equivalente a uma negação. Não me ofereceste! A apostasia continuara durante os 40 anos no deserto, embora exteriormente fizessem uma porção de seus sacrifícios e ofertas rituais.²⁰

F. Invasão e Exílio, 5.26—6.14

1. *O Auto-engano da Adoração de ídolos (5.26,27)*

O versículo 26 está ligado ao 25 mediante contraste. “No tempo em que fostes incrédulos em vossos sacrifícios”, **levastes a tenda de vosso Moloque, e o altar das vossas imagens** (26). Embora o versículo seja difícil de traduzir, a intenção é clara. As deidades assírias foram feitas pelas mãos dos homens; elas eram impotentes diante do **SENHOR, cujo nome é Deus dos Exércitos** (27). Há outra versão alternativa para o versículo 26: “Sim, levastes Sicute, vosso rei, Quium, vossa imagem, e o vosso deus-estrela, que fizestes para vós mesmos” (ARA; cf. BV; NTLH; NVI). Por causa desta arrematada apostasia, a nação será levada **para além de Damasco**, desterro já profetizado no versículo 24.

2. *A Auto-suficiência dos Líderes de Israel (6.1-7)*

O mal gerado pela adoração formal foi a falsa confiança gerada no povo quanto à relação do concerto com Jeová. No capítulo 6, “a profecia nos leva da adoração do povo para os banquetes dos ricos, a fim de contrastar essa segurança e extravagância com a peste, guerra e exílio que se aproximavam rapidamente. A tranqüilidade condenada é a tranqüilidade arrogante e orgulhosa”.²¹ As pessoas que se esbanjavam nas riquezas “estavam totalmente indiferentes à ruína que ameaçava o povo”.²²

Os versículos 1 a 6 demonstram o “luxo extravagante e ostentoso dos ricos” e os “bacanais de homens e mulheres devassos que esqueceram as devoções simples e as decências elementares da vida”.²³ Estes eram os líderes de Israel, os **que têm nome entre as primeiras nações** (1; “que são as autoridades desse grande país de Israel”, NTLH; cf. BV).

O versículo 2 talvez seja uma interpolação, a qual mostra que **Israel (1)** não é melhor que **Calné**, situada ao norte da Síria, a **grande Hamate**, que fica junto ao rio Orontes, neste mesmo país, e a importante cidade de Gate, na Filístia. Todos estes lugares caíram diante da Assíria (ver mapa 2).

Depois do aviso do versículo 2, prossegue a descrição daqueles **que repousam em Sião** (Jerusalém). Eles têm casas de inverno e verão (3.15), e dormem em **camas de marfim** (4) importadas de Damasco. Devoram **os cordeiros do rebanho e os bezerros do meio da manada**, e cantam preguiçosamente **ao som do alaúde** (5).²⁴ Estes líderes comodistas bebem irreverentemente **vinho** (6) de **taças** cerimoniais (ou “em grandes taças”, NVI) e se ungem **com o mais excelente óleo** (ou “os perfumes mais caros”, NTLH) em sinal de alegria. Como líderes, eles deveriam se preocupar com os sintomas da doença moral da nação, mas eles não se afligem **pela quebra** (ruína) **de José**.

A conclusão da descrição encontra-se no versículo 7, que profetiza que a nobreza da terra estará **entre os primeiros que forem cativos**. Eles encabeçarão a procissão de cativos e “o grito dos farristas cessará” (Smith-Goodspeed). O governo acabará.²⁵ Amós transmite esta profecia em 760 a.C., quando Jeroboão II reinava uma nação próspera. Menos de 40 anos depois, Israel do Norte foi conquistado pela Assíria e todos, menos os pobres, foram levados para o exílio.

Sellin²⁶ alista cinco formas do pecado de Israel, de acordo com a denúncia de Amós: 1) A exploração dos pobres e a opressão dos necessitados, 2.6; 3.10; 4.1; 5.11; 8.4-6; 2) A falta de justiça e a parcialidade dos juizes, 5.7-12; 3) O luxo ostentador dos ricos em face da ruína iminente, 6.1-6; 4) A substituição das relações mecânicas e mágicas pelas relações pessoais com Jeová, 4.4; 5.5; 6.3; 8.14; 5) A arrogância que ousa se vangloriar em vista do julgamento prometido, 4.2; 9.7.

3. Os *Horrores do Assédio* (6.8-11)

Como em 4.2, Amós introduz 6.8 com a frase: **Jurou o Senhor JEová pela sua alma** (*nephesh*), ou seja, pelo ser íntimo ou por sua santidade. Ele entregará a **cidade** por causa da **soberba de Jacó**. Com este orgulho, a nação, em vez de depender de Deus, confiara em sua própria auto-suficiência.

A profecia narra detalhadamente o horror do assédio. Ninguém

escapará da morte, mesmo que sobrem apenas **dez homens em uma casa (9)**. Os israelitas enterravam os mortos, mas em tempos de peste autorizavam a queima dos corpos. O versículo 10 descreve esse tempo de desolação, e o grande terror do julgamento adicional de Jeová.

“Um parente será a única pessoa que restou para enterrar alguém, e quando estiver carregando o corpo para ser enterrado, perguntará ao único sobrevivente, que ficou dentro de casa: ‘Há mais alguém junto com você?’ A resposta será: ‘Não’, e ele dirá: ‘Psiu... não fale o nome do Senhor; Ele pode ouvir’ (BV).

4. *O Fim de Israel* (6.12-14)

Os exemplos de impossibilidades no versículo **12** destacam a certeza do destino de Israel. **Poderão correr cavalos na rocha? (12)**.

“Alguém pode arar o mar com bois?” (RSV; cf BV). Israel tomara a justiça em **fel** (amargura) e a bondade em **alosna** (veneno).

Amós faz um jogo de palavras com os nomes de *Lo-Debar* (**nada**, 13) e *Carnaim* (**força**). Em hebraico, **nada** é *dhabhar*, cujas consoantes são iguais às da palavra Lo-Debar, cidade situada a leste do rio Jordão. Carnaim (**força**) também é uma cidade na mesma região. Ambas foram conquistadas por Jeroboão II em suas bem-sucedidas campanhas militares em direção ao leste. As duas cidades são relativamente insignificantes; daí, o jogo de palavras com os nomes.²⁷ Veja como Moffatt traduz o versículo: “Vós tendes tanto orgulho de Lo Debar; pensais que conquistastes Carnaim pela vossa própria força” (cf. NTLH).

As palavras finais do julgamento retornam ao pensamento do versículo 11. O **povo** (14) que o Senhor levantará contra os filhos de Israel, os oprimirá **desde a entrada de Hamate** (a passagem entre as montanhas do Líbano ao norte) “até ao ribeiro da Arabá” (ARA), ao sul de Israel, próximo do mar Morto.

Temos no capítulo 6 uma intrigante lista de “ais” de Amós: 1) Ai daqueles que dependem de rituais e não se apoiam na fé e obediência, 1; 2) Ai daqueles que realmente não obedecem à palavra de Deus, 3; 3) Ai daqueles que gozam de suas riquezas, mas não se preocupam com a

transgressão pessoal e nacional, 4-6; 4) Ai daqueles que transformam o fruto da justiça em fel de amargura, 12.

Seção III

[1](#)

.AEleição (3.1,2)

Ao considerar que os filhos de Israel foram especialmente escolhidos, eles têm uma responsabilidade especial. O julgamento de Deus tem de ser mais severo sobre o seu povo por causa da eleição (cf. 2 Cr 36.16; Is 1.2-4). **Ouvi esta palavra que o SENHOR fala contra vós, filhos de Israel (1).**

E a relação descrita no versículo 2 que separa Israel para um papel especial entre as **famílias da terra** e também para uma responsabilidade específica. O pecado de Israel não exige transigência da parte de Jeová por causa dessa relação de concerto, mas julgamento de todas as suas **injustiças**.

[2](#)

A Destruição Vindoura (3.11,12)

[3](#)

Um inimigo surgirá, e cercará a tua terra (11), ou seja, o ataque virá de todos os lados. Ele possuirá a terra ao saquear os **palácios** (“fortalezas”, NTLH; NVI; cf.

[4](#)

A Ganância de Mulheres Egoístas (4.1-3)

[5](#)

Para Amós, a infidelidade de Israel era escandalosamente evidente nos males que vicejavam na sociedade urbana. Ele foi tão estarrecedor

no que disse que o sacerdote Amazias considerou as profecias como traição do mais elevado grau e insistiu que “a terra não poderá sofrer todas as suas palavras” (7.10). Os sintomas da maldade se evidenciavam nas senhoras afetadas, de peles lisas e macias, a quem o profeta-pastor comparou com as **vacas de Basã (1)**, uma região famosa pelas vacas gordas e saudáveis e pela terra produtiva (Nm 32). Amós acusou as mulheres “da alta sociedade de Samaria” (Moffatt) de pressionar os maridos a obterem riquezas. Para atender o pedido, eles oprimiam o povo. Desta forma, elas eram igualmente responsáveis. Eram constantes em pedir que seus **senhores** (os maridos) “arranjassem meios de libertinagem”^{4 5 6} **(dai cá, e bebamos)**.

[6](#)

Os versículos 2 e 3 identificam o julgamento por causa do pecado das mulheres. De modo incomum, o versículo 2 começa com um juramento solene, fato que supõe a severidade extrema do mal. **Jurou o Senhor JEová, pela sua santidade.** O Santo não pode tolerar a falta de retidão dos ricos (a opressão tirânica sobre os pobres). E pronunciado o julgamento: **Dias estão para vir sobre vós, em que os inimigos vos levarão com anzóis e a vossos descendentes com anzóis de pesca.** O conquistador arrasta-

VISÕES E EPÍLOGO

Amós 7.1— 9.15

A. As Visões de Amós, 7.1—8.3

Nos capítulos 7 a 9, temos o relato das visões de Amós. Há cinco mensagens nitidamente identificadas. A primeira está em 7.1-3, e a segunda em 7.4-6. A terceira e a quarta têm de ser separadas com precisão das “mensagens fragmentárias” que estão ligadas a elas; as visões em si estão registradas em 7.7-9 e 8.1-3. A quinta é de forma e caráter bem diferentes e provavelmente deve ser considerada parte da passagem de 9.1-4.¹

O Senhor JEOVÁ assim me fez ver (1) é introdução comum das primeiras quatro entre as cinco visões. A quinta começa com ‘Vi o Senhor’ (9.1). Outro elemento comum em cada uma das primeiras quatro visões é a palavra **eis**, que inicia o teor das mensagens.

litas, não como eles se viam, uma “nação orgulhosa e auto-suficiente, mas como Deus os via, um povo pequeno e desamparado”.² “Como se levantará agora Jacó? Ele é tão pequeno!” (ECA; tradução apoiada por Smith-Goodspeed).

A resposta à súplica de Amós é mostrada na garantia de que a desgraça poderia ser evitada. **Então, o SENHOR se arrependeu disso. Não acontecerá, disse o SENHOR** (3).³

2. *Fogo* (7.4-6)

O **fogo** (4) consumidor representa o segundo e mais severo julgamento de Deus contra Israel. **O Senhor JEOVÁ clamava que queria contender por meio do fogo**

significa “o Senhor Deus exigia um julgamento por meio do fogo” (BBV; cf. ECA). Ao considerar que o **fogo** é um dos símbolos figurativos da ira de Deus, é possível que o profeta tenha visto o

julgamento como um contínuo vento quente do deserto que assola a terra. O fogo era tão intenso que chegava a consumir o **grande abismo**, “o reservatório subterrâneo de águas, que abastecia as fontes (cf. Gn 49.25: ‘abismo que está debaixo’)”.⁴

Amós intercede novamente com as mesmas palavras encontradas no versículo 2 e o Senhor altera sua ação ameaçadora: **Nem isso acontecerá, disse o Senhor JEová (6).**

3. *Prumo* (7.7-9)

Na terceira visão, Deus fez a pergunta: **Que vês tu, Amós?** (8). O prumo era usado para testar o esquadro de uma construção. Desta forma, a figura descreve que o Senhor exige que seu povo seja reto. Sidney Lovett observa sucintamente que a fome e a seca são ocorrências sazonais fora do controle humano. Daí, a intercessão de Amós ao único que poderia intervir. Porém, “uma parede é o trabalho das mãos do homem. Se, por qualquer motivo, estiver torta, o prumo inexoravelmente marcará a diferença. E desse veredicto não há apelo”.⁵ Podemos imaginar Amós calado diante do julgamento de Deus. Nada mais havia a dizer. O julgamento era inevitável, porque a construção era obra de homem. Deus declara: **Nunca mais passarei por ele** (8). O versículo 9 determina que o julgamento vindouro abrangerá os **altos de Isaque** (os lugares sagrados no cume dos montes), os **santuários de Israel** (os edifícios sagrados) e a **casa** (a dinastia e família) de **Jeroboão**.

“é marco do grande debate entre o sacerdote e o profeta, o conflito renhido entre o Estado e a Igreja, cujo vínculo amargo infesta toda a história subsequente”.^{4 5 6} Não se tratava de mero desacordo entre duas personalidades fortes, mas era um conflito de vocação e instituição. Em consequência disso, Amazias apresentou uma acusação formal de traição: **Amós tem conspirado contra ti** (10, Jeroboão), pois disse que o rei **morrerá à espada, e Israel certamente será levado para fora da sua terra em cativeiro** (11).

Com a acusação de traição, Amazias deu uma ordem direta a Amós:

Vai-te, ó vidente, foge para a terra de Judá (12). Em outras palavras: “Volta para o teu lugar e profetiza ali profissionalmente para ganhar o teu pão”. A seguir, o sacerdote fez uma proibição: **Mas, em Betei, daqui por diante, não profetizarás mais, porque é o santuário do rei (13),** oratório fundado pelo monarca (1 Rs 12.28). A **casa do reino** (*beth mamlakhah*) era o principal lugar de adoração que o rei estabelecera para o seu governo. Por isso, ninguém teria permissão de profetizar contra o rei ali.⁷ O fato de o sumo sacerdote ter dado estas ordens a Amós dá a entender que Jeroboão não levou a sério a acusação e deixou o assunto nas mãos de Amazias.

Amós respondeu imediatamente à insinuação de que ele era profeta profissional (*nabi*). Ele declarou: **Eu não era profeta, nem filho de profeta (14,** sócio do grêmio dos profetas), **mas boieiro e cultivador de sicômoros** (“cuido de figueiras”, NTLH). Ele insistiu no chamado do Senhor, que o mandara deixar o **gado** e dissera: **Vai e profetiza ao meu povo Israel (15).**

A cena era dramática. Ao servir-se de suas próprias palavras, Amós confrontou Amazias e, de imediato, passou a profetizar exatamente como o Senhor ordenara: **Ora, pois, ouve a palavra do SENHOR (16).** Esta é a descrição trágica do castigo de Amazias: **Tua mulher se prostituirá na cidade (17);** quer dizer, quando Betei fosse tomada pela invasão, seria estuprada, seus filhos mortos e sua terra dada a novos colonos. O que aconteceria com Amazias também sucederia com toda a nação, e **Israel certamente será levado cativo para fora da sua terra.**

Numa exposição do capítulo 7, teríamos o título “quando Deus pode usar o homem”: 1) Embora de condições humildes, ouve e segue a Deus, 14,15; 2) Está pronto a proclamar a palavra do Senhor mesmo diante de oposição, 12,13; 3) Não tem medo de profetizar a vinda de julgamento, 17.

NVI). Multiplicar-se-ão os cadáveres; em todos os lugares serão lançados fora em silêncio. Veja como Keil traduz a parte final do versículo: “Ele os lançou para todos os lugares. Silêncio!” (cf. ARA). A interjeição “Silêncio!” não é um sinal de desespero, mas de “aviso para

se curvar diante da tremenda severidade do julgamento de Deus, como ocorre em Sofonias 1.7 (cf. Hc 2.20; Zc 2.17)".⁹

B. Pecado e Julgamento, 8.4-14

Amós 8.4 inicia um grupo de oráculos que não têm relações suficientemente claras entre si, mas reforçam a preocupação do profeta com Israel. Lidam em geral com os pecados da nação e os julgamentos vindouros.

1. A Opressão dos Pobres (8.4-7)

A profecia denuncia a opressão dos pobres ao falar diretamente aos gananciosos. **Ouvi isto, vós que anelais o abatimento do necessitado** (4). A **lua nova**¹⁰ (5) e o **sábado** eram dias de repouso, apreciados pelos trabalhadores, mas concedidos com relutância pelos comerciantes. “Os interesses do sábado são os interesses dos pobres; os inimigos do sábado são os inimigos dos pobres. E tudo isso ilustra o que nosso Salvador disse: ‘O sábado foi feito por causa do homem’”. Diminuir o **efa** era dar menos que a medida completa e devida. Aumentar o **siclo** era cobrar a mais dos compradores. As **balanças** ficavam enganosas pelo uso de pesos falsos.

O propósito dos ricos era tornar os **pobres** mais pobres, de modo que estes fossem forçados a se vender em escravidão **por dinheiro** (6), ou se entregar aos credores por não poderem pagar dívidas não maiores que o preço de **um par de sapatos**. Os comerciantes gananciosos venderiam por lucro até as **cascas do trigo** (“trigo estragado”, BV).

O versículo 7 apresenta um sentimento ardente de indignação acerca do caráter destes crimes. Deus é tanto dos pobres como dos ricos, e **jurou o SENHOR pela glória** (excelência) **de Jacó: Eu não me esquecerei de todas as suas obras para sempre!**

Deus jura pela **glória** ou “orgulho” (BV; NVI) **de Jacó** como faz por sua própria santidade. Tão certo quanto Deus é o que é, o Senhor julgará os gananciosos.

2. *Terremoto, Escuridão e Luto* (8.8-10)

O sentimento da ira de Deus é compartilhado pela Natureza. **Não se comoverá a terra?** (8) diz respeito a terremotos. De todos os lados haverá lamento. **Levantar-se-á** refere-se à destruição que também é comparada com a inundação do Egito, ou seja, quando o nível do rio Nilo sobe no período de inundação. Mesmo que a ação não seja tão súbita quanto o choque de um terremoto, a destruição é tão devastadora quanto inevitável. O profeta descreve o mesmo tipo de julgamento em 9.5,6.

Após a ameaça de terremoto, há a predição do eclipse¹¹ (9). No terror dessa noite inatural, os **cânticos** se converterão em **luto** (10) e **lamentações**. O uso de **pano de saco** e a **calva sobre toda cabeça** eram sinais de luto (cf. Is 3.24). A tristeza será grande e severa, como o luto pela morte de **filho único** (cf. Jr 6.26; Zc 12.10). **E o seu fim como dia de amarguras** sugere que o julgamento não seria de curta duração. “Aquele dia será amargo, muito amargo” (BV).

3. *Fome e Sede* (8.11-14)

O julgamento de Deus fica progressivamente mais severo. **Afome sobre a terra** (11) e a **sede** não eram por falta de comida e água, mas por escassez das **palavras do SENHOR**. Aprofecia diz que esta **palavra do SENHOR** (12) é a luz de sua revelação. Aqueles que hoje não apreciam sua Palavra terão fome e sede pelo que outrora ignoraram e rejeitaram.

O versículo 12 descreve como será o desejo ardente que sentirão. **Irão errantes** (“correrão por toda parte”, ARA) de uma extremidade à outra da terra. De **Norte** a Sul e de Leste a Oeste, eles **correrão... em busca da palavra do SENHOR, e não a acharão**. Até as **virgens formosas e os jovens** (13) definharão de **sede** pela Palavra. Estes indivíduos representam os mais fortes da nação. E quanto aos fracos?

O versículo 14 é difícil de interpretar. Atualmente, o consenso geral é que o **delito** (culpa) **de Samaria** (*ashmath shomeron*) se refira ao

bezerro de ouro de Betei, o principal ídolo daquela cidade colocado no santuário nacional (cf. 4.4,5).¹² Referência a **Dã**, no extremo norte, e a **Berseba**, no distante sul, revela a amplitude da infecção idolátrica por toda a terra.

O caminho de Berseba (14) fala da peregrinação ao local de adoração e não se refere ao ato de adoração em si. Esta devoção não era a ídolos pagãos, mas provavelmente se tratava de uma ação idólatra a Jeová. Acerca dos adoradores, Amós declara: **Esses mesmos cairão e não se levantarão mais** (14). O cumprimento desta profecia começou com o exílio das dez tribos. Continua até hoje para aqueles que ainda esperam o Messias.

C. O Julgamento Inexorável, 9.1-7

1. A Quinta Visão (9.1-4)

Amós declara: **Vi o Senhor, que estava em pé sobre o altar (1)**. Esta quinta visão em Betei evoca a solenidade de posse de Isaías (Is 6.1-13). Deus já se mostrara em meio ao julgamento, cuja “tônica é a completude e a impossibilidade de escape”.¹³ Na visão de Isaías, o Senhor estava sentado em um trono, mas Amós o viu em pé com a palavra final: **Fere**.

Os versículos 1 a 4 são formados por cinco estrofes de quatro linhas cada, com pares de versos que transmitem um pensamento próprio. Mas com isso, a profecia comunica a finalidade do julgamento sobre toda a nação do concerto, à qual Israel ainda pertencia, embora estivesse separado da casa de Davi.¹⁴

O Senhor aparece **sobre o altar** diante de toda a nação reunida no santuário. Seu julgamento destruirá o templo até os alicerces e soterrará as pessoas. O **capitel** é o “topo das colunas” (NVT), de modo que de cima abaixo o lugar cairá aos pedaços.

(Possivelmente, previsão do terremoto violento como instrumento de julgamento.) O golpe nas colunas até que os **umbrais** (“soleiras das portas”) estremeçam, representa retoricamente a finalidade da destruição da vida nacional. “Sacuda o templo até que as colunas

caiam e o telhado desabe sobre o povo” (BV). Ninguém escapará, “e os que sobrarem matarei à espada” (NVI).

Os versículos 2 a 4 destacam a conclusão inexorável do julgamento de Deus sobre o povo que quebrou o concerto. O linguajar da onipresença de Deus relembra o salmo **139.7-9**. Nem o **inferno** (2, *sheol*, “a sepultura”, ECA), nem o **céu** (“os céus”, NVI), nem o **cume do Carmelo** (3; uma montanha alta), nem o **fundo do mar**, nem o **cativeiro** (4; residência em terra estrangeira) podem salvar os israelitas da vingança onipresente de Deus. A **serpente... os morderá** tem esta interpretação: “Eu mandarei a serpente marinha [‘dragão’, Moffatt] atacá-los e destruí-los” (BV). Amós resume a passagem: **Eu porei os meus olhos sobre eles para mal e não para bem**. “É o povo mais ricamente abençoado do mundo, mas também o mais severamente castigado”.¹⁶

2. *A Terceira Doxologia* (9.5,6)

Esta terceira doxologia de Amós declara novamente (cf. 4.13; 5.8,9) a majestade transcendente de Jeová, profecia que recorda e parcialmente repete 8.8. Moffatt traduz o versículo 5: “Este é o Eterno, o Senhor dos exércitos, a cujo toque a terra treme” (cf. NVI). A profecia dá a entender que o “terremoto” é castigo. **Subirá** talvez se refira à ação soberana de julgamento e misericórdia de Deus. **E se submergirá** seria o efeito do julgamento do Senhor sobre o povo. O versículo 6 declara uma vez mais o poder universal de Deus sobre todas as nações. Preste atenção nesta paráfrase da primeira parte do versículo 6: “A habitação do Senhor se estende pelos céus, na terra Ele também habita” (BV). **As águas do mar** representam as nações da terra que se derramarão sobre Israel em julgamento. **O SENHOR (Yahweh) é o seu nome** identifica o **SENHOR dos Exércitos** (5) e destaca novamente Aquele que pode fazer com que tudo isso aconteça.

3. *O Senhor de todas as Nações* (9.7)

O famoso sétimo versículo é o ponto culminante dos ensinamentos de Amós concernentes à universalidade de Deus. Mais uma vez, porém de maneira mais articulada, o profeta enfatiza a verdade da unidade do

Senhor (cf. Dt 6.4). Não há outro Deus. Todos os outros assim chamados são falsos. Ao mesmo tempo em que Amós insistia que fora Jeová que resgatara Israel do Egito, era igualmente insistente em afirmar que o Senhor trouxera os **filisteus, de Caftor, e os siros, de Quir.**¹⁶ Também coloca os **etíopes** no mesmo patamar que os filhos de Israel: **Não sois vós para mim, ó filhos de Israel, como os filhos dos etíopes?** Desta forma, Amós nivela por baixo a segurança carnal de Israel que confiava em sua posição de povo escolhido.

D. Epílogo, 9.8-15

1. *Julgamento Purificador* (9.8-10)

O julgamento de Deus predito no versículo 8 cumpriu-se com a queda de Samaria, em 722 a.C., e a destruição de Jerusalém, em 586 a.C. (ver diagrama A). À primeira vista, esta passagem parece redundante, mas abre um novo panorama cujo ápice é a promessa de restauração no versículo 14.

Precisamos entender que a **casa de Jacó** (8) não é meramente Judá em contraste com o reino de Israel. Aqui, Jacó representa o Israel inteiro. Amós mostra que depois que a nação fosse banida **como se sacode grão no crivo** (9), os servos fiéis de Deus seriam preservados. Este resto será uma “semente santa”, da qual o reino de Deus crescerá. Neste ponto, a profecia distingue entre a nação má e as pessoas fiéis, pois deveria ter havido pelo menos algumas. No versículo 10, esta distinção desencadeia um aviso solene para que os **pecadores** não se enganem ao pensar que escaparão do julgamento do Senhor.

2. *Restauração* (9.11,12)

A profecia se encerra com a promessa de restauração do remanescente fiel e o estabelecimento do reino de Deus. **Naquele dia** (11), quando o julgamento for executado, **tornarei a levantar a tenda** (“tabernáculo”, ARA) **de Davi**. Neste oráculo, soa uma nota de esperança em face do desespero. Bem no fundo do coração das pessoas

jazia “a memória do período áureo de Davi”.¹⁷ A possibilidade da volta desse tempo, mesmo quando a força do reino davídico tinha caído, revelou a mão de Jeová em “governar o curso da história. ‘Aquele que ferira poderia curar’”.¹⁸ O versículo 12 promete que as nações circunvizinhas, inclusive **Edom** (ver mapa 2), serão reconquistadas. A frase: **chamadas pelo meu nome** indica meramente que estas nações também estão sob o poder do Senhor. Não há dúvida de que a **tenda de Davi** se refere ao reinado do Messias. Baseado nesta passagem, os judeus autenticaram um nome para designar o Messias: *Felius cadentium*, que significa “Aquele que brotara da choupana caída”.¹⁹

3. *Bênçãos para a Natureza* (9.13)

O oráculo final é uma “música agradável, como os pássaros que saem depois do temporal e os montes úmidos que brilham ao sol”.²⁰ No reino messiânico as pessoas gozarão as promessas de Moisés (Lv **26.5**): **O que lavra alcançará ao que sega**. Enquanto uns estiverem no arado, outros colherão por causa do crescimento rápido das plantações. O trabalho de quem **pisa as uvas** sobreporá ao empenho de quem **lança a semente**. As pessoas verão este tempo maravilhoso como se o Deus de todas as nações, o Senhor dos exércitos, fizesse os **montes** gotejarem **mosto** (“vinho novo”, ECA; NVI, que é doce) e os **outeiros** o produzirem “à vontade, como um rio” (NTLH). Finalmente, Israel comerá o fruto de sua herança.

4. *A Volta do Remanescente* (9.14,15)

Smith-Goodspeed traduz assim a declaração de abertura do versículo 14: “E restabelecerei a sorte do meu povo de Israel” (cf. ARA; BV). George Adam Smith tem esta versão: “Reverterei o cativo do meu povo Israel” (cf. ECA; NVI). Em virtude do fato de a terra ser abençoada com grandíssima fertilidade (13), o remanescente fiel desfrutará as bênçãos contínuas de paz e prosperidade. **E reedificarão as cidades assoladas, e nelas habitarão, e plantarão vinhas, e beberão o seu vinho, e farão pomares, e lhes comerão o fruto** (14).

O texto não evidencia razão para o aparecimento desta linda profecia messiânica. Trata-se de uma defesa da justiça de Jeová que tal promessa do surgimento do Messias venha de um profeta que passou a maior parte do tempo predizando a ruína absoluta e final de um povo pecador. Até da destruição brota a esperança, tão permanente quanto os julgamentos precedentes. **E não serão mais arrancados da sua terra que lhes dei, diz o SENHOR, teu Deus (15).**

Podemos desenvolver duas exposições do capítulo final de Amós. A primeira é “a presença maravilhosa de Deus”: 1) Sua onipotência, 1; 2) Sua onisciência, 2; 3) Sua onipresença, 4. A segunda seria “o maravilhoso poder reconstituente de Deus”: 1) O levantamento dos caídos, 11; 2) Em Deus, há dias melhores por vir, 13,14; 3) A promessa eterna de Deus, 15.

É com esta confiança que Amós, de Tecoá, nos deixa. “Os dias que passaram serviram apenas para autenticar sua palavra profética”. O Deus que destrói por causa do pecado “no deserto do desespero e da destruição passará ao cumprimento de tudo que é parcial”,²¹ enquanto durar a provação do homem. Podemos ampliar as palavras de Paulo para mostrar o propósito soberano e eterno de Deus: “Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo” (Fp 1.6).²²

Notas

INTRODUÇÃO

¹Hughell E. W. Fosbroke, “Amos” (Exegesis), *The Interprets Bible*, editado por George A. Buttrick et al., Vol. VI (Nova York: Abingdon Press, 1956), p. 763.

SEÇÃO I

¹S. R. Driver, *An Introduction to the Literature of the Old Testament* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1891), p. 294.

² A palavra hebraica *noqedh* não é o termo habitual para referir-se a pastor; tem, em geral, o

sentido de “criador de ovelhas” (cf. NVI). É provável que Amós viajasse ao Reino do Norte para vender lã, quando então se familiarizou com as condições gerais vigentes ali (“Amos”, IB, *op. cit.*, p. 977).

³ Bernard W. Anderson, *Understanding the Old Testament* (Englewood, Nova Jersey: Prentice-

Hall, Incorporated, 1957), p. 228.

⁴ Os reinados contemporâneos de Jeroboão II, de Israel, e Uzias, de Judá, foram marcados por

excepcional prosperidade em ambos os governos. Esta situação perdurou por boa parte da primeira metade do século VIII a.C.

⁵**Carmelo** é o promontório à foz do ribeiro de Quisom, no Mediterrâneo, e não é a cidade de igual nome em Judá. Assim, para Amós, **pastores** (2) e **Carmelo** representam Israel. Até o “cume apinhado de árvores do monte Carmelo esmorecerá e murchará” (C. F. Keil e Franz Delitzsch, “The Twelve Minor Prophets”, *Biblical Commentary on the Old Testament*, vol. I [Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1954, reimpressão], p. 241).

⁶ Keil ressalta que o “extermínio” dos habitantes de Biqueate-Áven indica “matança” e não depor

tação (1.5). O verbo hebraico *hikhith* significa “exterminar”, “de forma que *uegalah* (cativo) na última frase [do versículo] se aplica ao resto da população que não fora morta na guerra” (*op. cit.*, p. 243). O príncipe e o povo perecerão. Vale-Áven e **Bete-Eden** eram provavelmente as capitais da nação. Originalmente, os sírios emigraram de Quir (9.7), que ficava bem a leste (Is **22.6**).

⁷ Os edomitas tinham íntimas relações de parentesco com Israel através de Esaú (Gn 36). Esta

vam estrategicamente situados na foz do golfo de Aqaba e eram ricos em recursos naturais e hábeis nos tratos comerciais. Por terem sido sujeitos a Israel desde os dias de Davi, a oportunidade de vingança apareceu e foi aproveitada em 586 a.C. com a queda de Jerusalém. É a este período que o julgamento tem de se referir (George Adam Smith, *The Book of the Twelve Prophets*, vol. I, edição revista [Nova York: Harper & Brothers, 1940], pp. 128-130).

⁸Keil, *op. cit.*, p. 250. Ao levar em conta que são mencionados somente os pecados cometidos contra a nação do concerto, deve ter havido certa relação do rei de Edom com os israelitas como vassalo de Judá.

⁹Anderson, *op. cit.*, p. 230.

¹⁰ Certos comentaristas acreditam que Amós 2.4,5 é uma inserção posterior, de tônica deuteronomica,

por causa do vocabulário legal usado ali. Verdadeiro ou não, “o oráculo contra Judá representava a crença de que a estreiteza de relacionamento com Deus não isentava o povo dessa sujeição severa ao justo julgamento, sobre o qual Amós tinha falado” (“Amos”, IB, *op. cit.*, p. 786).

¹¹ Amós chama os ídolos de **mentiras**, porque são meras invenções e não entidades reais, por

não possuírem a realidade em si mesmos.

¹²Keil, *op. cit.*, p. 252. “Certos comentários (cf. Arthur Weiser, *Die Prophetie des Amos*: Alfred Topelmann, 1929, pp. 90, 91) destacam que o verbo empregado aqui (vender) é usado para referir-se a vender em escravidão (Gn 37.27,28; Êx 21.16)” (“Amos”, IB, *op. cit.*, p. 786).

¹³ Há certa diferença de julgamento quanto à significação da passagem. Certos comentaristas (IB,

p. 787) indicam que se refere à prostituição do templo, na qual os velhos e os jovens freqüentavam o santuário com este propósito. Amós não usa o termo hebraico *queheshah* (prostituta sagrada). Ele meramente declara que “vão a uma moça”. Em todo caso, a prática é condenada por ser profanação contra o santo nome de Jeová.

¹⁴ John A. Sampey, *The Heart of the Old Testament* (Nashville: Broadman Press, 1922), p. 152.

¹⁵*Ib.*, p. 790; W. K. Lowther Clarke, *Concise Bible Commentary* (Nova York: Macmillan Company, 1954), p. 599.

¹⁶ “Amos”, IB, vol. VI, p. 790.

SEÇÃO II

¹⁰ verbo hebraico *yadha* (conhecer) e o substantivo *daath* referem-se ao aspecto cognitivo de

conhecimento (ver Introdução de O livro de Oséias) e ao saber obtido pelas emoções. Tal aspecto de “conhecimento” acha-se também em o homem “conhecer” sua esposa. O emprego do verbo em 3.2 é consistente com o uso do termo em Oséias 2.14; Jeremias 3.14; 31.32; Is 54.5,6 (Knight, *op. cit.*, pp. 177,178).

²George F. A. Knight, *A Christian Theology of the Old Testament* (Richmond, Virgínia: John Knox Press, 1959), pp. 200, 201.

³Keil, *op. cit.*, p. 259.

⁴ O termo hebraico *kephir* alude ao **leão** que sai para caçar. É diferente de *gur* (**leãozinho**) que ainda não pode atacar e chora **no covil** (4). Os dois símiles têm significados semelhantes: “Deus não só tem diante de si a nação que está madura para o julgamento, mas a tem no seu poder” *ib.*, p. 261).

⁶ W. J. Deane, “Hosea” (Exposition). *The Pulpit Commentary: Amos to Micah*, editado por H. D. M.

Spence e Joseph S. Exell (Nova York: Funk & Wagnalls Company, s.d.), p. 40.

⁶Keil, *op. cit.*, p. 267.

⁷ O significado do texto hebraico é bastante vago. A palavra traduzida por **palácio** é *hermonah* ou

harmon. Todos os comentaristas concordam que não se sabe o que significa *harmon*. Sua etimologia denota terra alta, mas não pode ser considerada no sentido de *armon* (fortaleza ou palácio). Esta palavra aparece só uma vez na literatura sagrada *ib.*, p. 269).

⁸ “Amos”, IB, vol. VI, p. 804.

⁹ “Amos”, IB, vol. IV, p. 808.

¹⁰ Albert C. Knudson, *The Beacon Lights of Prophecy* (Nova York: The Methodist Book Concern,

1914), **p.** 83.

¹¹ “Amos”, IB, vol. VI, p. 811.

12 *Ib.*

¹³Knudson, *op. cit.*, p. 84.

“Smith, *op. cit.*, p. 169. Oséias usa o termo Bete-Aven (casa da idolatria) mais do que Betei (casa de Deus).

“Smith, *op. cit.*, p. 172.

¹⁶Keil, *op. cit.*, p. 287.

¹⁷ **Holocaustos** (*zebhachim*) e **ofertas de manjares** (*minchah*) são mencionados para denotar

sacrifícios de todos os tipos (Keil, *op. cit.*, p. 291).

¹⁸ Amos alista as ofertas essenciais que, no todo, representavam “o meio sacro de amizade entre

Deus e os homens” (“Amos”, IB, vol. VI, p. 819).

“Keil, *op. cit.*, p. 289.

²⁰Amós não insinua que Jeová não se agradava da adoração, mas que estava descontente com a hipocrisia dessa adoração.

²¹Smith, *op. cit.*, p. 178.

²²Frederick Carl Eiselen, *Prophecy and the Prophets* (Nova York: The Methodist Book Concern, 1909), p. 46.

²³ John Paterson, *The Goodly Fellowship of the Prophets* (Nova York: The Methodist Book Concern,

1909), p. 46.

²⁴ A frase: **inventais para vós instrumentos músicos, como Davi** (5), é difícil de entender,

porque ocasiona interpretações várias. O IB sugere: “gritando, imaginam estar cantando” (p. 824).

²⁵ Ver George L. Robinson, *The Twelve Minor Prophets* (Nova York: George H. Doran & Company,

1926), p. 54, para inteirar-se de uma explicação mais completa.

²⁶ John Paterson, *op. cit.*, p. 33, que cita Ernest Sellin, “Das Zwölfprophetenbuch Erste Haeftē”,

Kommentar Zum Alten Testament XII, 1929, p. 184.

²⁷“Amos”, IB, vol. VI, p. 827.

SEÇÃO III

¹ John D. W. Watts, *Vision and Prophecy in Amos* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1958), p. 28.

²Norman Snaith ressalta que não se tem notícia de semelhante tributo em Israel e interpreta a passagem por “tosquia”, que é o significado habitual do termo hebraico traduzido por **segada** (citado em “Amos”, IB, vol. VI, p. 831).

³/ð.

⁴ Na interpretação de Keil, os vv. 1-3 narram a intercessão de Amós na presença do Senhor depois que a hortaliça (Gn 1.11, a “erva verde”) foi comida pelos gafanhotos e antes do consumo da segunda colheita. Assim Israel seria poupado da destruição completa (*op. cit.*, p. 307).

⁵Clarke, *op. cit.*, p. 601.

⁶ “Amos”, IB, vol. VI, p. 834.

⁷*Ib.*

⁸Keil, *op. cit.*, p. 312.

⁹/ð., p. 314. Fosbroke é de opinião de que o silêncio refere-se ao “silêncio de desespero que fica remoendo a cena”. Em todo caso, a seriedade da ocasião era evidente para Amós (“Amos”, IB, vol. VI, p. 389).

¹⁰ A **lua nova** (*chodesh*) era um feriado no qual todo o comércio parava, da mesma maneira que ocorria no **sábado** (cf. Nm 28.11; 2 Rs 4.23).

¹⁴Smith salienta que houve eclipse em 803 a.C. e 763 a.C. E provável que a lembrança desses fenômenos tenha inspirado o simbolismo desta passagem (*ib.*, p. 191).

¹²Keil, *op. cit.*, pp. 318, 319.

¹³Watts, *op. cit.*, p. 47.

¹⁴ “Ainda que o artigo hebraico antes de *kammizbeach* indique o altar do santuário em Betei, e parece se prender a 8.14 de modo explicativo, não há prova de que a profecia de Amós seja dirigida apenas contra Israel. [...] O Senhor brama de Sião a Sião, e de Sião levanta a voz (1.2) contra todas as nações que foram hostis com Judá ou Israel, bem como contra Judá e Israel por terem se apartado da lei” (cf. 2.4,6ss). (Keil, *op. cit.*, p. 321).

^m*Ib.*, p. 325, conforme citado por Hengstenberg.

¹⁶ Em geral, **Caftor** é associado com Creta, **Quir** a algum ponto extremo a nordeste. Jeová é designado Senhor de Damasco (1.3-5) e de Tiro (1.9,10). “Assim, Amós ofereceu a Israel nova profundidade ao denominado primeiro mandamento, [...] sem declarar explicitamente em nenhum lugar que *Yahweh* é o único Deus” (Knight, *op. cit.*, p. 63).

¹⁷“Amos”, IB, vol. VI, p. 851.

^{ls}*Ib.*

“Keil, *op. cit.*, p. 331.

²⁰ Smith, *op. cit.*, p. 202.

²¹ “Amos”, IB, vol. VI, p. 852.

Comentário Bíblico

r i r⁴ \

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Oscar F. Reed Armor D. Peisker H. Ray Dunning William M. Grealhouse

Oséias a Malaquias

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem

uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

ISBN 85-263-0689-8 9788526 306899

1

Gafanhotos (7.1-3)

A primeira visão descreve uma “ninhada de gafanhotos” **no princípio do rebento da erva serôdia (1)**. Esta seria justamente a época em que as chuvas preparavam as plantações para o crescimento final e a colheita. Não havia momento mais desastroso para a ocorrência da infestação. **A erva serôdia depois da segada do rei** dá a entender que o tributo (imposto) pago ao Estado era tirado da primeira **segada** (“a colheita que pertence ao rei”, NTLH). A quebra da segunda safra significaria ausência do rendimento pessoal do lavrador.^{[8](#) [2](#)}

2

Após a descrição da praga há um diálogo entre Amós e o Senhor. “Rogo-te” (ARA) é um “particípio de solicitação”, equivalente a “por favor!” (cf. BV). Amós roga pelos israe-

3

O Conflito com Amazias (7.10-17)

Nas visões, Amós fala na primeira pessoa. Nesta passagem, temos um relato do antagonismo entre Amós e Amazias, o sumo sacerdote do santuário do bezerro de ouro situado em Betei. Este oratório fora instituído com o intento de impedir que os adoradores fossem a

Jerusalém para adorar a Deus.

O anúncio ousado de julgamento sobre o sacerdote e o rei levou **Amazias (10)** a informar Jeroboão II da suposta conspiração de Amós. No parecer dele, a **terra não poderá sofrer todas as suas palavras**, (cf. BV; NTLH). A acusação de Amazias indicava que ele associou Amós com a subversão, e que a pregação causava tremendo prejuízo à nação. Claro que Amós era um profeta a ser temido, visto que sua mensagem era influente.

A confrontação dramática entre o profeta e o sacerdote (11-17) colocou a carreira de Amós em um momento decisivo. Agora suas “severas e intragáveis profecias de destruição nacional” enfrentavam a repreensão eclesiástica e régia. A colisão mordaz em Betei

[4](#)

Cesto de Frutas Maduras (8.1-3)

[5](#)

A quarta visão é de formato igual às outras e retoma o ponto das três precedentes (7.1-9). A mensagem é semelhante e confirma os julgamentos anteriores. A pergunta do Senhor: **Que vês, Amós?** (2), dá início à visão do cesto de produtos da terra. Eram frutos que amadureceram no verão e foram colhidos no outono. Em hebraico, há uma aliteração com “frutos do verão” (*qayits*) e **o fim** (*qets*). Afigura mostra uma nação que está madura para o julgamento e destruição - **chegou o fim sobre o meu povo**.

[6](#)

E lógico que estas visões ocorreram ao longo do período de um ano; os gafanhotos estavam associados com a primavera, o fogo consumidor com o verão e os frutos com o outono. A repetição e severidade crescente devem ter feito Amós perceber a imediação do julgamento e a urgência da profecia.

[7](#)

Mais uma vez, Amós apresenta o Senhor que fala: “Não vou mais adiar o castigo” (2, BV; cf. 7.8). Toda a alegria será transformada em “uivos” (3, ARA; “choro”, BV; “lamento”,

8

Amós percebeu que a subsequente fome era julgamento sobre Israel. Quando os gafanhotos tivessem **comido completamente a erva da terra** (2), a deixariam no talo, desprovida de frutos, produto e colheita.